



Ao final do desfile de cada bloco, a turma do serviço de Limpeza Urbana tirava o lixo da Esplanada no ritmo de axé music

FOLIA APROXIMA ADVERSÁRIOS

Irlam Rocha Lima
Da equipe do Correio

O sucesso da *Micarecandanga 96* conseguiu o que parecia impossível: reunir na defesa da permanência da festa na Esplanada dos Ministérios adversários políticos aparentemente irreconciliáveis como o deputado distrital do PMDB e líder da oposição na Câmara Legislativa, Luiz Estevão, e o secretário de Turismo do DF, Rodrigo Rollemberg.

Estevão é autor de um projeto que estabelece a Esplanada como “palco natural” para a *Micarê*. No camarote da TV Brasília — onde chegou a ficar próximo do governador Cristovam Buarque, embora não tenham se cumprimentado —, o deputado dizia no sábado que Brasília tem que se firmar “como uma cidade vocacionada para festas populares como esta.”

Visão semelhante tem Rodrigo Rollemberg, folião por excelência e um defensor apaixonado da *Micarecandanga*. “É a grande festa dos brasileiros e um evento que mostra para os brasileiros de outras regiões a face mais alegre e jovial da Capital, vista quase sempre unicamente como o centro das decisões políticas.”

O secretário de Turismo entende que o carnaval temporão deve permanecer na Esplanada, “pois como foi demonstrado, não causa transtorno a ninguém e mais que isso, projeta nacionalmente, com as ima-

gens mostradas pela televisão, esses belíssimos cartões postais criados pela genialidade de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa.”

APOIO POPULAR

Criador da *Micarê*, o produtor artístico Sérgio Mayone não pensa na possibilidade de transferência da folia para outro local. E apresenta seus argumentos: “depois do apoio popular que a festa recebeu nestes quatro dias, fica difícil imaginá-la fora da Esplanada. Já foi o tempo em que as coisas eram impostas. Hoje, todas as decisões têm que vir do povo”, discursou.

Mayone se mostra aberto ao diálogo e está disposto a conversar com as autoridades do GDF e do Congresso Nacional sobre o destino da *Micarecandanga*, mas não abre mão do local onde o evento vem sendo realizado já há três anos. “Podemos criar outra alternativa para o desfile, mas sem sair da Esplanada”, colocou.

A opinião de quem vem de fora também poderá servir de reforço para os defensores da manutenção da festa naquele local. Wadinho Marques, tecladista da banda Chiclete com Banana, tem um ponto de vista bem particular sobre a questão.

“Acho que a *Micarecandanga* quebra um pouco com esse aspecto majestoso e intocável da Esplanada dos Ministérios, humanizando-a. E faz isso com a presença das pessoas,

dispostas a extravasar sua alegria. Justamente no lugar que é visto em todo o País como a cara de Brasília”, observa.

Quem faz coro com Wadinho é a modelo e figura badalada do meio artístico carioca, Monique Evans. Assediadíssima no camarote da Brahma, mas sempre disposta a atender com um sorriso, a quem a procurava, afirmou que a cidade — onde estava vindo pela primeira vez, a surpreendeu, muito favoravelmente.

“Participo pela primeira vez deste tipo de evento e para mim, além da grandiosidade da festa, me emociona a energia das pessoas. Nunca imaginei que Brasília, tida como uma cidade careta, fosse tão despreprimida e tivesse tanta gente bonita, saudável e tão divertida”, entusiasmou-se.

Dois grupos de garis cuidaram da limpeza da Esplanada. O *Bloco da Limpeza*, premiado no ano passado, ficou encarregado do lixo depositado na pista. Ele entrava na avenida depois do desfile de cada bloco. E outro grupo entrava em cena às 4h, para recolher o que sobrava no final da festa.

Participaram da cobertura dos quatro dias da *Micarecandanga* os repórteres Andriana Depieri, Ana Júlia Pinheiro, Cláudio Ferreira, Cristina Campos, Fernanda Lambach, Irlam Rocha Lima, José Rezende Jr. e Luiz Alberto Weber. E os fotógrafos Carlos Moura, Glaucio Dettmar, José Varela, Ronaldo de Oliveira, Wanderley Pozzembom e Zuleika de Sousa.